

Lacerta schreiberi Bedriaga, 1878

Lagarto-de-água

Lagarto verdinegro, Schreiber's Green Lizard

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

O lagarto-de-água é uma espécie monotípica, há muito reconhecida como distinta das suas espécies-irmãs e com as quais se associa no chamado grupo dos lagartos verdes da Europa. É composto por duas unidades evolutivas muito divergentes cuja separação data do Plioceno tardio, isto é, de há cerca de 2,75 milhões de anos (Paulo et al., 2001). Estes dois grupos de lagartos, denominados A e B, têm distribuições geográficas distintas. O grupo A localiza-se em Portugal (incluindo as populações isoladas do sul do país) e no Norte de Espanha, e o grupo B distribui-se pelo Sistema Central Espanhol e pelos isolados populacionais do Sul de Espanha. A história evolutiva recente desta espécie caracteriza-se pela ocorrência de complexos padrões de contracção, fragmentação, expansão e miscigenação populacionais que terão ocorrido ao longo dos ciclos glaciares do Quaternário (Godinho et al., 2003, 2006a,b, 2008). A região nuclear de distribuição da espécie corresponde ao Sistema Central Ibérico, onde *Lacerta schreiberi* terá persistido durante toda a sua história evolutiva depois da separação das duas unidades evolutivas (Godinho et al., 2008). O actual período interglacial deu origem à formação de uma zona híbrida entre os dois grandes grupos deste lagarto situada na região fronteiriça entre as serras da Malcata e da Gata (Godinho et al., 2006a, 2008). Os actuais isolados populacionais resultam de antigas expansões para sul a partir da região do Sistema Central Ibérico que lhes está mais próxima geograficamente e reflectem, na sua composição genética, a miscigenação que precedeu a expansão populacional a partir do núcleo central da espécie atrás referido. As populações situadas a norte do rio Douro são recentes e expandiram-se a partir da região ocidental do Sistema Central Português. No decurso desta expansão houve uma acentuada perda de diversidade genética, sendo as populações de todo o Norte de Espanha marcadamente homogéneas.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

É um endemismo Ibérico (Gasc et al., 1997) cujos principais núcleos populacionais ocupam o quadrante Noroeste da Península, de influência climática marcadamente atlântica (Ferrand

de Almeida et al., 2001; Marco 2002; Malkmus 2004e). Na metade mais meridional da Península existem, apenas, alguns isolados geograficamente muito dispersos, em geral circunscritos a regiões montanhosas tais como as Serras de Monchique, S. Mamede e Sintra, em Portugal (Brito et al. 1998a,b), e as Serras de Las Villuercas, San Andrés, Montes de Toledo e Andújar (Marco 2002), em Espanha, onde as condições climáticas actuais permitem a sua persistência (Marco & Pollo 1993; Brito et al., 1996, 1999b).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

A norte do rio Tejo ocorre de forma contínua, desde o Minho até à região de Leiria/Abrantes. Embora a área de distribuição pareça contínua até à Serra de Sintra, tal não acontece devido ao elevado grau de fragmentação das populações nesta região (Brito et al., 1996, 1998a,b). Na região de Sintra é conhecido de apenas quatro locais: Ribeira dos Marmeleiros, Ribeira da Urca, Lagoas do Parque de Monserrate e Ribeira de Colares (Quinta Grande) (Marques et al., 1995; Brito et al., 1998a,b). A sul do rio Tejo, a espécie está reduzida a alguns isolados muito dispersos e restritos a zonas montanhosas: i) Serra de Monchique - a maioria das observações provem das zonas mais altas, quase sempre associadas à ocorrência do loendro (*Rhododendrum ponticum baeticum*), ou em vales com socacos e em zonas agrícolas abandonadas. Ocorre, também, nas zonas mais baixas ao longo dos vales das ribeiras de Aljezur e Seixe, ou em pequenas linhas de água isoladas, tais como a ribeira do Vale das Amoreiras (Aljezur), e a ribeira Seca e Quinta das Taliscas (Odeceixe). Para norte, na Serra da Brejeira, onde as populações se encontram mais fragmentadas, todas as observações foram efectuadas em afluentes do rio Mira (ribeira da Ameirinha e do Queimadinho) (Brito et al., 1998a,b; Malkmus & Schwarzer 2000). De uma forma geral, existe um elevado grau de fragmentação, estando as populações muitas vezes isoladas e rodeadas por habitats pouco propícios à dispersão de indivíduos como eucaliptais ou zonas agrícolas de sequeiro (Brito et al., 1999a); ii) Serra do Cercal - as populações estão confinadas a três locais de pequenas dimensões e isolados entre si: Corgo das Selas, Corgo dos Godins e Ribeira do Torgal. Nestas ribeiras, a vegetação marginal apresenta uma forte componente mediterrânica, sendo o



PhG



Juvenil

PhG

biótopo envolvente constituído por montado de sobre ou zonas agrícolas de sequeiro. A grande maioria das populações da Serra do Cercal possui efectivos muito reduzidos e, sobretudo, muito fragmentados, sendo provável que algumas populações se possam extinguir se não forem tomadas medidas activas de conservação (Brito *et al.*, 1998a,b, 1999a). iii) Serra de S. Mamede – ocorre, principalmente, nas regiões acima dos 600 m de altitude, descendo ao longo das ribeiras de Nisa (Noroeste), Sever (Norte), Arronches, Xévorá e Soverete (todas para sul). Aparece ainda, isoladamente, na ribeira de Abrilongo, no extremo sudeste da Serra. Em qualquer destas ribeiras, a espécie está frequentemente associada à presença de fetos-arbóreos, indicadores de elevada humidade (Brito *et al.*, 1998a,b, 1999a). O lagarto-de-água encontra-se preferencialmente nas margens de linhas de água em que a vegetação ripícola possui características marcadamente atlânticas. Ocupa desde vales agrícolas de montanha até paus de baixa altitude, desde o nível do mar até aos 1900 m de altitude, na Serra da Estrela (Brito *et al.*, 1998a,b; Ferrand de Almeida *et al.*, 2001).

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Os principais factores de ameaça podem ser considerados em quatro grupos: i) obras de regularização das margens das linhas de água; estas obras implicam, quase sempre, o cimentar das margens, com o abate da vegetação natural; ii) construção de barragens, que normalmente implicam a submersão de grandes áreas e o isolamento de populações localizadas a montante e a jusante da barragem; iii) despejo de lixos e entulhos, extracção de inertes e construção de estradas de elevado impacto, e iv) alteração da vegetação das margens das linhas de água. O corte exagerado da vegetação ripícola visando o aproveitamento de terrenos para fins agrícolas e pastoreio, assim como a plantação indiscriminada de espécies introduzidas (especialmente o eucalipto) nas linhas de água, afectam a presença do lagarto-de-água e constituem uma séria ameaça à sua preservação. A plantação de eucaliptos atinge proporções alarmantes nos isolados populacionais das Serras de Monchique e Cercal, estando praticamente toda a área de ocorrência desta espécie nestas serras coberta por aquela árvore exótica. A sua plantação, se não puder ser totalmente evitada, deverá, pelo menos, respeitar uma faixa mínima de 50 m para cada lado das linhas de água (Brito *et al.*, 1998a, 1999a).

Raquel Godinho e José Carlos Brito



AS

